



DIRECÇÃO GERAL

COMUNICADO N.º 16 DATA 1 / 6 / 78

A 20/5/78 a D.G. da AAC, em comunicado, expunha a sua posição e o sentido da sua participação no Seminário sobre o Fado de Coimbra e situava, em termos claros, um dos pontos do programa, a realização da "Serenata Monumental". Advertíamos então para o aproveitamento que estava a ser feito por forças exteriores à organização e consequências daí eventualmente resultantes, pontos estes desenvolvidos na intervenção que fez antes do início da "Serenata", infelizmente mal ouvida dada a inexistência de aparelhagem sonora. Tal realização veio a assumir uma dimensão que lhe não cabia à partida. E, na medida em que persistem incompreensões e equívocos, importa fazer uma análise dos acontecimentos e, por outro lado, reflectir e recolocar, se bem que de uma forma sumária, questões relativas ao Fado de Coimbra e a outras formas de tradição académica já desaparecidas.

1- Assim, desde logo e se destas quisermos fazer uma leitura clara, teremos, partindo da sua posição específica no tempo e na conjuntura em que se enquadravam, que constatar a evolução registada no campo da prática social e a situação de ruptura criada porque, também através destes como doutros pontos passava a linha de confronto ideológico cuja expressão era, ela própria, determinada pelo que de mais geral se passava a nível do conflito social. Assim não é de estranhar a evolução verificada nas formas de convívio e acção cultural dos estudantes. Não é de estranhar que tal confronto viesse a determinar o fim de uma expressão historicamente desadequada e irrelevante (mesmo que bela) como o "Fado de Coimbra" na sua versão ritualizada, dando lugar às correntes que se desenvolvem a partir de José Afonso, Adriano Correia de Oliveira, Carlos Paredes e tantos outros; de resto, já anteriormente se tinham verificado formas de evolução determinadas por outros factores sociais. Não é de estranhar que a famigerada "praxe", à hora da "morte", tenha sido utilizada pelas forças democráticas e, apesar do seu carácter estruturalmente reaccionário as várias instâncias da hierarquia "praxista" terem

nosseu seio homens progressistas que se rompem por dentro; será discutível este aproveitamento, mas ele aconteceu e a sua importância foi relevante. Não é de estranhar que as "Republicas", sede por excelência da função "praxista", tenham vindo a evoluir para importantes centros de resistência ao fascismo e, na sua forma actual, sejam locais privilegiados de convívio democrático e, em muitos casos, bons meios de educação democrática dos jovens estudantes. Daqui decorrem algumas conclusões:

a)- Toda a evolução verificada, tende a destruir o conceito de estudante como membro de uma caste diferenciada do meio social em que se integra e, pelo contrário, situá-lo ao lado dos seus concidadãos desenvolvendo, na sua esfera de acção e trabalho, o papel que dele espera numa sociedade virada para o futuro.

b)- Todo este processo é determinado pela luta ideológica e política que prepasa toda a vivência estudantil e nem a consagrar, a todos os níveis a dominância clara das forças progressistas e democráticas e a conseqüente transformação, nesse sentido, de todas as manifestações estudantis, determinando a evolução irreversível de umas, a consagração de outras e a destruição irrecoverável das restantes.

c)- Do exterior decorre, necessariamente, que tentar repôr mecânicamente práticas eliminadas pelo próprio processo histórico e, por isso, desadequadas de todo à presente realidade é, consoante a prática a repôr, o modo como isso se tente fazer ou os objectivos que subjasem a essa tentativa, uma atitude conservadora, reaccionária ou mesmo fascizante. Convém estabelecer esta distinção pois que ela corresponde às atitudes bem diferenciadas de quem se empenha nestas recuperações.

d)- Recuperação de formas como o fado de Coimbra precisamente por quem as considera especificamente estudantis, usando para isso pessoas e meios exteriores à Academia, só pode remeter essa forma musical para a condição de "postal turístico" totalmente alheio ao meio que o criou. De resto, essa situação não é nova. Tenhamos em vista os verdadeiros crimes contra a musica popular que se têm feito a pretexto da sua "conservação" e "divulgação". Nada temos contra o facto dos seus antigos interpretes o praticarem e muito menos contra os que se empenham em desenvolver a partir dele novas formas de expressão musical. Mas ficar-lhe-íamos muito gratos se compreenderem o absurdo das "cruzadas reinstitucionalizadas". Podemos gostar desse fado, mas entre isso e a sua recuperação vai a distância que separa Miguel Angelo de Picasso. Por tudo isto, a D.G. não apoiou as conclusões do seminário, apesar deles contorem pontos que consideramos positivos. É que n'elles estava também presente esta vontade de recuperação que decorre, quanto a nós, da incapacidade de uma leitura objectiva da realidade.

II- Ao pronunciarmo-nos de novo sobre a questão da Sereñata Monumental queremos deixar esclarecido que:

a)-Não abordariamos de novo esta questão, até porque consideramos a nossa posição perfeitamente clara, se não persistissem equívocos e incompreensões, que alguns parecem querer fomentar, talvez por não serem capazes de fazer outra coisa, talvez por irresponsabilidade, talvez porque a sua função é essa mesmo, quer o assumam conscientemente quer não.

b)-Consideramos que a dimensão absurda que se dá a esta questão parte essencialmente das forças que estão interessadas em lançar a confusão e a desagregação no Movimento Estudantil (projectando-a mesmo a nível da população, como aconteceu com este caso), deslocando o campo da polémica para áreas como esta, dado a óbvia repugnância com que são recebidas pelos estudantes, quando veiculadas directamente, as suas propostas políticas. Pensamos ainda que são seus aliados objectivos todos os que participam nesta mistificação através de respostas incorrectas e fomentam em torno destas questões tal ambiente de agitação.

Para que fique claro, e sobre esta posição assumiremos as nossas responsabilidades a quem isso nos solicitar:

1)-Discordamos do boicote que foi feito à serenata por ele favorecer o ambiente que os provocadores esperavam e que, ainda por cima, ter procurado arvorar uma opção política que resulta tanto mais demagógica quanto o povo de Coimbra, ali presente, não estava da posse de todas os seus factores e ficaram assim sujeito a ser condicionado a uma resposta objectivamente negativa e que lhe foi propiciada aquando dos FRAA. Recusamo-nos a aceitar que o apoio popular que estes tiveram se traduzisse numa resposta de direita e muito menos fascista. Seria ridículo fazer tal leitura. Isso só seria possível se fizéssemos uma leitura de esquerda ao boicote e nós recusamo-nos a fazê-la pelo modo como de facto tudo se passou. Poderão alegar que se manifestaram é isso é um direito constitucional; mas isso é um argumento irrelevante, pois então teria que se admitir que todas as outras manifestações de resposta também o foram e perde-se de vista o significado objectivo de cada uma delas. É nesse significado que importa situar a nossa análise. É porque, já o disse muita gente e de muitos quadrantes ideológicos, "em política o que parece é", o acto de boicote, tal como decorreu, foi um serviço à manifestação de extrema-direita que se desenvolvia exteriormente à própria organização, e um factor de confusão para as massas populares presentes (para quem a linha de demarcação entre democratas e reaccionários não passa por esta questão) que não estavam dentro dos diversos factores que, a nível estudantil, o poderiam legitimar. Não queremos fazer a injustiça de acce-

ditar que todos os que boicotaram o faziam com este objectivo; sabemos que isto não é verdade. Definiremos assim a composição desse grupo: a) Os provocadores, sempre diligentes nestas circunstâncias. b) Aquelles estudantes que, por de facto não acreditaram na dinâmica de massas do Movimento Estudantil e do seu carácter profundamente democrático, sempre ficam em pânico nestas situações e são capazes de hipertrofiar questões irrelevantes de forma a dar-lhe um carácter de demasiada importância que eles por si, nunca adquiriram, o que serve os objectivos de que provocam tal situação, no momento em que os estudantes se batem em torno de pontos de importância verdadeiramente fundamental.

2) Repudiamos e discordamos em absoluto daqueles que, aproveitando este "Seminário sobre o fado de Coimbra", tentem impôr, de fora, à Academia a recuperação de uma forma de expansão musical que este abandonou por razões que são determinadas pela sua própria evolução em muitos outros planos. Mais grave ainda, será a tentativa daqueles que, a par desta recuperação imposta, pretendem associar-lhe uma "praxe" antiga, esta sim de carácter profundamente reaccionário e fascizante nos seus aspectos repressivos, hierarquizantes e atrofiados da formação livre e democrática dos jovens. Daí, que importa denunciar a situação que, a certo momento se criou, ao tentar o apoio da população presente para evocações saudosistas do passado e a forma como, subtilmente se procura, através desse "situal", atacar a realidade presente da Academia. Queremos acreditar que muitos (mesmo a esmagadora maioria) não o fez com esta intenção, mas aqui, também objectivamente, pelo mesmo raciocínio do ponto anterior, assim aconteceu.

3) Repudiamos e combateremos sem hesitações todos os que, através da mobilização "à moda antiga" da propaganda tendenciosa, e de uma hábil manipulação da opinião pública continuam a aproveitar todas as oportunidades para atacar a realidade democrática do Movimento Estudantil e não só, e provocar incompreensões entre este e a população de Coimbra, como agora aconteceu, e para a denúncia das quais remetemos para o comunicado da D.G. de 20/5 e a sua intervenção feita no início da serenata. O aproveitamento que a imprensa fez dos factos aí está para provar o que afirmamos.

4) Por fim, repudiamos as formas de actuação usadas pelas forças policiais que, a partir de certo momento, se revestiram de um carácter de violência indiscriminada.

Isto não serve, porém, de significação para indivíduos que, da assistência, procuraram este confronto.

A recusa em participarmos no hipertrofiamento desmesurado que alguns pretendem dar a estes problemas, é deliberada. É-o, porque temos confiança nas massas estudantis, porque temos a consciência do perigo de alinhar em manobras de diversão. É-o porque nos recusamos a estar

ao lado daqueles que, só porque um grupo de imbecis, mesmo que reaccionários, tentam lançar a luta no terreno que lhes convém, reagem imediatamente como se nada mais virem à frente dos olhos, comportando-se as sim exactamente como querem os que os provocam. Mal iria o Movimento Estudantil se tivesse que empenhar as suas forças na resposta a cada provocação que algum individuo, por ter umas centenas de escudos e mais para publicar comunicados de sua autoria, lhe fizesse.